

1960

A DUPLA VITÓRIA DO MOÇO PRETO

Para começar a década com o pé direito, em 1960, o Clube Náutico Capibaribe voltou a conquistar mais um título de campeão Estadual. O primeiro campeonato da década foi arduamente disputado por Santa Cruz e Náutico, repetindo, aliás, o que já ocorrera no ano anterior. Em ambas as ocasiões, tricolores e alvirrubros terminaram uma melhor de três. Um detalhe: os técnicos de ambas as finais eram os mesmo - Ricardo Diex e Gentil Cardoso. Eles tinham, curiosamente, porém, trocado de lugar - o mestre Diex passara do Náutico para o Santa, enquanto Gentil tinha percorrido o caminho oposto. A roda da fortuna nos dois anos esteve sempre do lado do Moço-Preto, o pernambucano Gentil Cardoso, campeão duas vezes.

O dia da chegada de Gentil foi histórico na vida do Clube Náutico Capibaribe. O folclórico treinador desembarcou nos Guararapes debaixo do maior aparato, tendo uma recepção somente reservada às grandes autoridades. Era recebido pelo alto comando do clube, pessoal de paletó e gravata, endeusado e elevado à condição de salvador da pátria e da nau alvirrubra. Mais importante, porém, do que a conquista que se renunciava no gramado, chegava Gentil para celebrar a maior vitória de sua vida, quebrar de maneira definitiva um odioso tabu que há quase 60 anos impedia que homens de cor defendessem o Náutico.

O crioulo Gentil era o primeiro a fazê-lo e, ainda por cima, recebido com honras e festas. Uma grande vitória para Gentil. Maior ainda para o próprio Náutico. Maior ainda para o próprio Náutico.



Mais um Título. Jogadores, comissão técnica e dirigentes

1963

A ARRANCADA PARA O HEXA

Em 1963, começou a ser escrita a mais empolgante e expressiva página da gloriosa existência do Clube Náutico Capibaribe. O Náutico estava desde o ano anterior sob o comando de um treinador com maior vivência profissional, o argentino Alfredo Gonzalez. No time de Gonzalez, destacava-se o duo do meio-campo, uma dupla oriunda de Campina Grande: Salomão e Rinaldo.

Em campo, o treinador Gonzalez tirava Rinaldo da meia-esquerda, escalando-o na ponta, para substituí-lo por um jogador que não aparecia tanto assim aos olhos da torcida: Ivan. Não tinha o futebol vistoso de Rinaldo. Mas o tempo iria mostrar que Gonzalez não somente estava perfeitamente lúcido, como se encontrava coberto de razões. Ivan consagraria-se por ser o mais elevado expoente técnico de toda a campanha do Hexa - maestro de afinada orquestra, deixando de jogar apenas 15 das 140 partidas da memorável jornada.

Assim, com Ivan e Rinaldo, Gonzalez venceria o primeiro turno, em partida contra o Sport, por 3x2, e, posteriormente, o próprio campeonato.



O elenco campeão do primeiro título na inédita conquista do hexa campeonato.



Bitá, o homem do rifle, marcando um gol contra o América nos Afritos.

1964

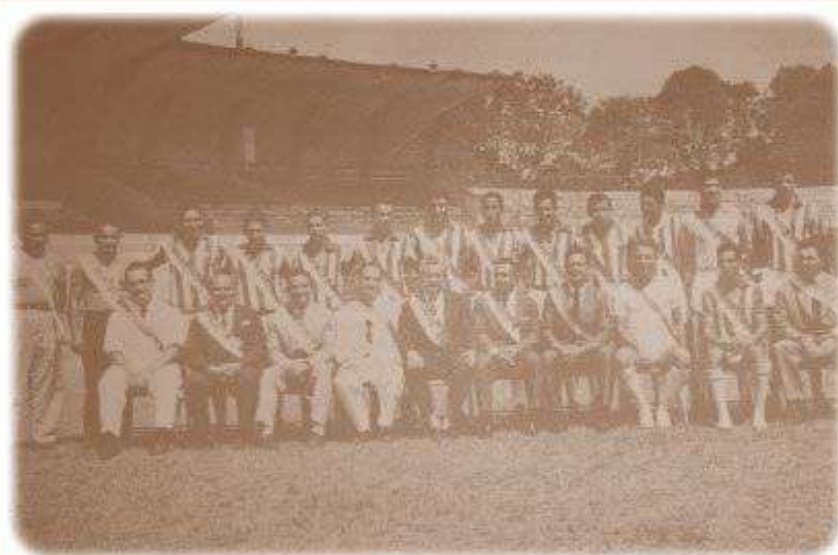
NINGUÉM DETÉM O NÁUTICO

Ganhar o título de campeão é a coisa mais importante para quem disputa o certame, para quem está na briga, e é também, obviamente, o que todos desejam. A vitória do Náutico em 1963, tinha porém um valor que transcendia à conquista pura e simples de um título máximo. Significava a aprovação de uma tese posta em discussão: a supremacia do time jovem, formado por jogadores da terra, sobre uma equipe veterana que tinha sua base de sustentação no jogador importado, nem sempre da melhor qualidade.

Para o Estadual, aos poucos, o time se refazia, os bons resultados se sucediam normalmente, as coisas iam se ajustando. Durante a campanha, não houve um só concorrente que não tivesse sido goleado pela máquina timbu. Foram 80 gols ao todo, em apenas 24 jogos! Com a conquista de 1964, o Náutico sagrava-se pela segunda vez bicampeão estadual. Era também pela segunda vez campeão invicto e - caprichos dos deuses - celebrava essa jornada sem derrota novamente em jogo contra o arquinimigo, novamente na Ilha do Retiro.



O time base bicampeão de 1964



O elenco da Jornada Invicta de 1964 com comissão técnica e dirigentes, ao centro de paletó escuro, o presidente do clube Wilson de Quelroz Campos.

1965

NADO, BITA, NINO, IVAN E LALA

Após a conquista do último campeonato de maneira invicta, o Clube Náutico Capibaribe, com serenidade e com o ânimo renovado, retomou o caminho escolhido em 62 e que tinha sido, provisoriamente, deixado de lado, dando prioridade aos jogadores da terra. A base do time para o certame de 65 já estava montada. Contava com nada menos de oito jogadores que tinham começado a prática do futebol juntos nas categorias de base do clube - Gena, Gilson Saraiva e Didica, estreantes, Nino, Lala e Toinho, confirmados como titulares, Nado e Bitá, já devidamente consagrados. Havia ainda o goleiro João Adolfo, o volante Deda e outros, todos meninos que tinham começado a carreira nos Aflitos e que, agora, eram reunidos e disputavam os primeiros jogos no time de cima. O Náutico de 65 tinha uma linha ofensiva realmente extraordinária. Dizia que o time era o escrete das quatro letras: Lula, Gena, Deda, Nado, Bitá, Nino, Ivan, Lala... Assim, o campeonato foi o da consolidação definitiva desse time de garotos. Eles tiveram a felicidade de contar, naquele exato momento, com o comando do homem certo para a ocasião e para a equipe: o treinador Antoninho.



O time de 1965 com 7 jogadores prata-da-casa (Gena, Deda, Gilson Saraiva, Nado, Bitá, Nino e Lala).



O time que bateu o Sport por 5x3, com 4 gols em 18 minutos, num jogo eletrizante.

1966

TETRA - UM TÍTULO INÉDITO

Em 1966, o Náutico via a possibilidade da conquista inédita do tetracampeonato, título grandioso que ninguém tinha em Pernambuco. O Timbu preparava-se para o grande e audacioso salto. No entanto, mal o campeonato tem início e o técnico Bianchi é dispensado. Ele era bondoso demais para ser treinador. No lugar dele, os dirigentes trouxeram Duque. Voltava para obter mais uma conquista em Pernambuco: ser tetracampeão.

Durante a caminhada do Hexa, o Náutico teve basicamente Gonzalez, Antoninho e Duque no comando técnico. No Pernambucano, o Náutico tratou de se garantir para a melhor-de-três, ganhando de saída o turno. Na decisão, o Timbu venceu a primeira, por 2x0, em casa, empatou a segunda, por 1x1, na Ilha do Retiro, e na finalíssima aplicou uma esmagadora e histórica goleada de 5x1, nos Afliitos!



Foto tirada no dia 06/11/1966, primeiro jogo oficial no novo estádio do Arruda



Gilson Saraiva e Gena com as faixas do Tetra-campeonato de 1966.

1967

PENTA INVICTO - ASSIM JÁ É DEMAIS!

Na caminhada da conquista do Penta, o Náutico tinha Duque como grande protagonista no comando da caravela alvirrubra. No Estadual, a corrida pelo título - ficou decidido - seria em três turnos distintos, com apenas uma fase cada turno, modalidade que fora um sucesso em 1957, ano do primeiro supercampeonato. Os adversários tentaram de tudo e nada deu certo. Mas nada daria certo. O Náutico ganhou mais um título, desta vez com sobras, o mais fácil dos que compõem o reluzente rosário do Hexa. Venceu sem tomar conhecimento dos outros, todos os três turnos. Apenas cinco empates, nenhuma derrota, invicto até a cena final.



O time de 1967: Gena, Mauro, Fraga, Clóvis, Lala, Lula, em pé; agachados: Miruca, Paulo Choco, Bitá, Ivan e Nino.

Vice-campeão brasileiro

Paralelamente à disputa da segunda fase do Estadual, o Náutico iniciava a sua brilhante trajetória pelos caminhos da Taça Brasil. Caminhos que lhe levariam ao topo da competição e ao encontro da glória de ser vice-campeão brasileiro. A atenção dos alvirrubros estava voltada para a Taça Brasil onde o Náutico, eliminando Atlético e Cruzeiro, chegava às finais com o Palmeiras. Era Pernambuco disputando pela primeira vez um título máximo do futebol nacional. Era o Náutico - Pernambuco e o Nordeste - na Taça Libertadores da América, a mais importante competição continental. Dois dias depois da conquista do Pernambucano, o Timbu enfrentou o Cruzeiro, campeão brasileiro. A estupenda vitória sobre o time mineiro - um sonoro 3x0, dois gols de Miruca e outro de Lala -, teve um valor transcendental. Com essa vitória e mais um empate de 0x0 na negra, a classificação assegurada, o pentacampeão pernambucano seguiria em frente para a disputa empolgante com a equipe do Palestra Itália, a decisão do título de campeão nacional.

Com o inédito título de pentacampeão e as merecidas honras do Vice-campeão brasileiro, reconhecido pelo rei Pelé como uma das melhores equipes da época, o Náutico fechava vitoriosamente o ano de 1967.



Grande final da Taça Brasil no Maracanã, terceiro jogo da decisão, debaixo de muita chuva onde a bola não rolava.

1968

HEXA É LUXO!

Ano em que o Náutico entra para a história do futebol estadual e nacional, conquistando a inédita sexta estrela. O time maravilhoso do penta, quase todo ele composto por jogadores da região, a maioria nascida e criada nos Aflitos, começava a ser desfeito - ou porque as contusões surgiam agora com mais frequência, ou porque a marcha inexorável do tempo começava a pesar para alguns. Em 67, Salomão deixava de lado os compromissos com a bola, trocando os gramados pela medicina. O elenco que escreveu a fantástica história do Hexa era formado por jogadores superdotados. No time, Lula, Clóvis e Bitá, que participaram tão pouco da campanha de 1968, vêm juntar seus nomes ao de Ivan, Nino e Lala, como os hexacampeões que estiveram presentes em todos os anos da gloriosa jornada. São seis jogadores, cada um representando cabalisticamente um dos anos do Hexa, ligando - tão a gosto da torcida -, o Náutico, os números, a magia do futebol, às vitórias.

E não apenas nas coisas estritamente ligadas à bola, ao jogo em si. Talvez, aí, esteja um dos segredos do êxito da extraordinária jornada. Souberam manter por todo o período o equilíbrio que deve existir entre o desejo simples e sem compromisso de jogar bola - a atividade lúdica do futebol - e o que nasce da consciência profissional, com toda sua gama de obrigações, sacrifícios, renúncias. Todos saíam ganhando nesse esquema que, em termos de Náutico, resultava na longa e permanente convivência com a glória e nos títulos que culminaram com o Hexa. Marcando a década com a sua hegemonia no estado e no nordeste, o Timbu não só foi vice-campeão brasileiro no ano anterior, como figurou durante os seis anos desta histórica conquista, sempre entre as cinco melhores equipes do Brasil.



21/07/1968 A formação inicial no dia da decisão contra o Sport, Náutico 1x0, gol de Ramos, nos Aflitos



Revista "O Cruzeiro", a maior do Brasil na época, enaltecendo nosso hexa.

1974

O PRIVILÉGIO DE SER HEXA

Os anos sessenta tinha ficado para trás. Em 1974, uma ameaça terrível surgiu no ar, fazendo tremer as bases do clube dos Aflitos. O Santa Cruz estava a um passo de conquistar também um hexacampeonato. Algo tinha que ser feito para evitar a ousadia tricolor que, para a torcida timbu, tinha todas as características de uma impostura.

De saída, a mais importante das providências – o time era entregue a um treinador de renomada experiência, muitas vezes campeão: Orlando Fantoni. O Tio Fantoni iria encontrar à sua disposição uma porção de gente boa: Betinho, Beliato, Sidcley, Drailton, Vasconcelos, Dedeu, Paraguaio e o extraordinário Jorge Mendonça.

O Estadual teve início em agosto. O Náutico ganhou invicto o retorno e liquidou com o time coral, logo na segunda partida da melhor-de-três. O Hexa manteve-se indivisível, privilegiadamente exclusivo. Uma honra somente alvirrubra.



Um time campeão de 1974 no dia da entrega de faixas, com o massagista Miro ao lado dos jogadores.



Um ataque de craques: Vasconcelos, Jorge Mendonça e Paraguaio.

1984

NÁUTICO IMBATÍVEL

O título Estadual aconteceu numa hora em que o clube vivia um instante de graça. Num ano em que cerca de duas dezenas de títulos, nas mais diversas modalidades esportivas, foram arrebatadas pelo clube alvirrubro, inclusive com a volta da láurea do remo.

E não ficou somente nisso. A alegria não se esgotou apenas na reconquista do título de campeão de terra e mar. Chegou até a se dizer pela cidade - desabafo bem humorado de um torcedor - que em 84 o Náutico "só não ganhou o que não disputou..." Sem dúvida um exagero, de resto perdoável pela euforia que se apoderou dos alvirrubros. O Náutico contou com um elenco numeroso na jornada de 84. O Timbu ficou com o primeiro e o terceiro turnos, disputados ambos com duas fases, a Segunda reunindo os cinco primeiros colocados da fase inaugural, dessa maneira chamado de Pentagonal. O Santa Cruz venceu o segundo turno. Foi realizada uma extra, para a decisão do título máximo, onde o Náutico empatou, por 0x0, sagrando-se campeão sem precisar disputar as finais.



Time campeão com Heyder, Baiano, Denô e Roberto César, que veio do Cruzeiro, jogando muita bola.



Enio Andrade, nosso carismático técnico campeão.

1985

MAIS UM BICAMPEONATO

Sagrando-se campeão de 1985, depois de uma disputa cheia de reviravoltas, conquistou o Clube Náutico Capibaribe merecida e brilhantemente mais um bicampeonato para a sua coleção de títulos, o terceiro da sua gloriosa história. O certame apresentava uma regulamentação inédita e inovadora. Os concorrentes, em número de onze, estiveram divididos em dois grupos, apenas os participantes do primeiro, o chamado grupo dos grandes, com direito à disputa do título.

Foram jogados três turnos com duas fases cada. Os vencedores de cada fase teriam que se enfrentar numa partida extra, decisiva, cujo vencedor seria o campeão do turno. Todos os três turnos foram decididos através desses jogos extras, o que significa dizer que o campeonato foi disputado pau a pau.

A decisão ficou entre Náutico, campeão de dois turnos, e o Santa Cruz, vencedor de apenas um. Após empatar a primeira (1x1, gol de Lima, em cima da hora), o quadro alvirrubro passou à dianteira ao vencer a Segunda (1x0, outra vez Lima). Um outro empate no terceiro jogo da melhor de três, agora com o placar em branco. O título máximo da temporada ficava mesmo nos Aflitos. Mais um na história do clube, o terceiro de bicampeão.



Time bi campeão com Denó, Ademir Lobo e Balano em grande fase.

1989

1ª DIVISÃO E TÍTULO ESTADUAL

Neste ano, o clube alvirrubro somava mais ganhos que perdas. Não rendia homenagens a ninguém. O Estadual, ocorrido no primeiro semestre, foi precedido - o que muito contribuiu para a conquista do título - da brilhante campanha desenvolvida pelo time nas disputas do Campeonato Brasileiro da Divisão Especial do ano anterior, o passaporte para o retorno à Primeira Divisão assegurado. O time campeão começou a ser montado na competição nacional, e nesta deu provas do que seria capaz, sagrando-se vice-campeão.

Para a disputa do Pernambucano, o Náutico trouxe do futebol paulista um ilustre desconhecido nascido em São Vicente, o artilheiro Bizu. Ele se tornaria na época o quarto maior artilheiro da história do Náutico em jogos de campeonato. À sua frente, apenas o imbatível trio formado por Fernando Carvalheira, Baiano e Bita. No meio da competição, o comando da nação alvirrubra foi parar nas mãos do preparador físico Charles Muniz. Com uma personalidade forte, em que pese a modéstia que o caracteriza, tem como norte a busca incessante do caminho da superação do atleta através da valorização dos elementos de auto-estima e pela elevação da moral do grupo. Foi dessa maneira, na base de muita conversa, mas também de muito treinamento, que conseguiu chegar ao título.

A final ficou por conta de Náutico e Santa. Três jogos dramáticos foram disputados. No primeiro, um empate sem gols; no segundo, novo empate, um gol para cada lado; por fim, a vitória alvirrubra, na negra. O placar 2x1, o gol da vitória, o gol do título, surgindo aos 43 minutos do segundo tempo, de pênalti! Bizu marcou e garantiu o título alvirrubro.



Time campeão com Bizu agachado ao centro.